



UC/FPCE\_2015

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**(Re)Descobrimo a Conjugalidade: Estudo do impacto das variáveis sociodemográficas**

Andreia Patrícia Oliveira Ferreira  
(e-mail: andreia\_patriciate@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Subárea de Especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, sob a orientação da Dr.<sup>a</sup> Luciana Sotero e da Dr.<sup>a</sup> Gabriela Fonseca.



**(Re)Descobrimo a Conjugalidade: Estudo do impacto das variáveis sociodemográficas**

**Resumo:** O presente estudo pretende contribuir para uma melhor compreensão da conjugalidade, mais especificamente da satisfação conjugal, do amor romântico, do *coping* diádico e da sensibilidade olfativa associadas à influência de variáveis sociodemográficas.

Para tal foi administrado um protocolo constituído por cinco instrumentos, a 283 sujeitos heterossexuais casados, com o intuito de recolher informações referentes ao sexo, idade, nível de escolaridade, situação financeira, religiosidade e às dimensões relativas à conjugalidade.

Os resultados mostram que a maioria dos aspetos da conjugalidade em estudo, não parece ser influenciada pelas características sociodemográficas dos sujeitos. No entanto, a percepção da sensibilidade olfativa parece diferir entre o sexo feminino e masculino, sendo que as mulheres apresentam uma maior sensibilidade e atribuem uma maior importância aos odores. A par disto, os resultados sugerem que ocorre uma diminuição na percepção do *coping* diádico à medida que a idade aumenta.

Este estudo alerta para a importância de continuar a investigar nesta área, além de poder impulsionar novas linhas de estudo, fornecendo ainda informação relevante para a intervenção clínica com casais e/ ou indivíduos.

**Palavras-chave:** satisfação conjugal, amor romântico, *coping* diádico, sensibilidade olfativa, variáveis sociodemográficas.

**(Re)Discovering conjugality: Study of the impact of socio demographic variables**

**Abstract:** The present study intends to increase the comprehension of conjugal relationships, mainly the conjugal satisfaction, the romantic love, the dyadic coping and the olfactory sensibility associated with the influence of multiple socio demographic variables.

To accomplish this, a protocol comprised of five instruments was applied to 283 married heterosexual individuals. Its aim was to gather information concerning sex, age, school education/ schooling, financial status, religiousness and the dimension regarding conjugality.

The results showed that the majority of the studied aspects related to conjugality did not seem to be influenced by the socio demographic characteristics of the studied individuals. However, the perception of the olfactory sensibility seems to differ between males and females, since women show higher sensibility and give more importance to odours. Besides, the results suggest that as the age increases, there is a lowering effect in the perception of the dyadic coping.

Not only does this study alert to the importance of performing further research in this field, but it can also develop new areas of study and give relevant information regarding clinical intervention given to couples and/or individuals.

**Keywords:** conjugal satisfaction, romantic love, dyadic coping, olfactory sensitivity, socio demographic variables.

## **Agradecimentos**

Esta tese simboliza o final de uma árdua, mas muito desejada e compensadora etapa da minha vida! Seria difícil, se não mesmo impossível, realizar este percurso sem o apoio e incentivo de algumas pessoas. Por isso, agradeço:

Aos meus professores, colegas e à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, por terem contribuído para a minha formação académica ao longo destes cinco anos;

À professora Doutora Madalena Carvalho pelos valiosos conhecimentos transmitidos e experiências proporcionadas ao longo do Mestrado Integrado, particularmente ao longo deste ano letivo;

À Dr.<sup>a</sup> Luciana Sotero e à Dr.<sup>a</sup> Gabriela Fonseca, pela disponibilidade, rigor, compreensão e exigência com que orientaram esta tese. Agradeço, profundamente, todo o apoio prestado na superação deste desafio!

À Lília, minha companheira nesta viagem, pelo apoio e palavras de incentivo.

Aos meus amigos, especialmente à Ana Paula e à Marília pela força que sempre me transmitiram, por todo o carinho e apoio e por me lembrarem, a cada etapa da minha vida, que tenho força suficiente para conseguir ultrapassar os desafios.

À minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão, por acreditarem sempre em mim, por terem compreendido a minha ausência e o meu mau humor e por serem os pilares da minha vida.

Ao André, por todo o carinho, compreensão e apoio ao longo deste e de outros percursos.

## Índice

<b>Introdução</b>	8
<b>I. Enquadramento conceptual</b>	8
1.1. Satisfação conjugal	9
1.2. Amor romântico	11
1.3. <i>Coping</i> diádico	12
1.4. Sensibilidade olfativa	14
<b>II. Objetivos</b>	15
<b>III. Metodologia</b>	15
3.1. Amostra	15
3.1.1. Seleção e procedimento de recolha da amostra	15
3.1.2. Caracterização da amostra	16
3.2. Instrumentos	16
3.2.1. Informações sociodemográficas	16
3.2.2. Satisfação conjugal	18
3.2.3. Amor romântico	18
3.2.4. <i>Coping</i> diádico	18
3.2.5. Sensibilidade olfativa	19
3.3. Procedimentos estatísticos	19
<b>IV. Resultados</b>	20
4.1. Satisfação conjugal	20
4.2. Amor romântico	21
4.3. <i>Coping</i> diádico	22
4.4. Sensibilidade olfativa	23
<b>V. Discussão</b>	24
<b>VI. Conclusão</b>	28
<b>Bibliografia</b>	29
<b>Anexos</b>	

## Índice das tabelas

<b>Tabela 1.</b> Caracterização Sociodemográfica da Amostra	17
<b>Tabela 2.</b> Diferenças na Satisfação Conjugal atendendo ao Sexo e à Religiosidade ( <i>t de Student</i> )	20
<b>Tabela 3.</b> Diferenças na Satisfação Conjugal atendendo ao Nível de Escolaridade ( <i>ANOVA</i> )	21
<b>Tabela 4.</b> Diferenças na Satisfação Conjugal atendendo à Situação Financeira ( <i>U de Mann-Whitney</i> )	21
<b>Tabela 5.</b> Relação entre a Satisfação Conjugal e Idade ( <i>Correlação de Pearson</i> )	21
<b>Tabela 6.</b> Diferenças no Amor Romântico atendendo ao Sexo, à Situação Financeira e à Religiosidade ( <i>t de Student</i> )	22
<b>Tabela 7.</b> Diferenças no Amor Romântico atendendo ao Nível de Escolaridade ( <i>Kruskal-Wallis</i> )	22
<b>Tabela 8.</b> Relação entre o Amor Romântico e Idade ( <i>Correlação de Pearson</i> )	22
<b>Tabela 9.</b> Diferenças no <i>Coping</i> Diádico atendendo ao Sexo, à Situação Financeira e à Religiosidade ( <i>t de Student</i> )	23
<b>Tabela 10.</b> Diferenças no <i>Coping</i> Diádico atendendo ao Nível de Escolaridade ( <i>ANOVA</i> )	23
<b>Tabela 11.</b> Relação entre o <i>Coping</i> Diádico e Idade ( <i>Correlação de Pearson</i> )	23
<b>Tabela 12.</b> Diferenças na Sensibilidade Olfativa atendendo ao Sexo ( <i>t de Student</i> )	24
<b>Tabela 13.</b> Relação entre a Sensibilidade Olfativa e Idade ( <i>Correlação de Pearson</i> )	24

### **Introdução**

A complexidade das mudanças nos papéis e funções sociais, de homens e mulheres, determina a necessidade de amplificar as investigações no âmbito das relações interpessoais (Perlin & Diniz, 2005) mais especificamente, da relação mais íntima que dois sujeitos podem estabelecer, a relação conjugal (Narciso & Ribeiro, 2009). Sendo, constante, a procura do equilíbrio entre a união com os outros e a autonomia ao longo da vida de um indivíduo, durante a formação e crescimento do casal, esta é praticada de um modo muito característico e singular. Neste sentido, a díade conjugal, ao longo do seu ciclo de vida, sofre várias transições que irão provocar variadas mudanças e, conseqüentemente, adaptações (Narciso & Ribeiro, 2009).

A investigação sobre o casal tem-se debruçado, maioritariamente, no modo como os indivíduos percebem a sua satisfação com o casamento e na avaliação das estratégias de *coping* existentes entre a díade conjugal. Pouco se sabe, ainda, acerca da forma como o casal vivencia o amor romântico e qual o papel da sensibilidade olfativa para a manutenção de uma relação. Torna-se assim notória a necessidade de explorar estas temáticas para uma melhor compreensão da conjugalidade.

Neste sentido, definiu-se como objetivo principal deste estudo avaliar o impacto das variáveis sociodemográficas (sexo, idade, nível de escolaridade, situação financeira e religiosidade) na percepção da satisfação conjugal, do amor romântico, do *coping* diádico e da sensibilidade olfativa.

A relevância desta investigação incide sobre a necessidade constante de melhor perceber a conjugalidade, uma vez que os fatores que a influenciam podem variar de indivíduo para indivíduo. Além disso, o caráter deste estudo na população portuguesa abre caminho a novas leituras sobre as relações conjugais, tendo em conta que estuda a sensibilidade olfativa, uma dimensão pouco ou mesmo nada estudada em Portugal, tanto quanto se sabe. Deste modo, espera-se que esta investigação constitua um contributo relevante para a compreensão do complexo fenómeno que é a conjugalidade.

### **I – Enquadramento conceptual**

As relações conjugais são um aspeto central na vida adulta e a qualidade das mesmas tem implicações não só na saúde mental, mas também na saúde física e vida profissional de homens e mulheres (Norgreen, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004). Narciso e Ribeiro (2009) mencionam que quando uma relação de conjugalidade se encontra associada ao amor, facilmente, é alcançada a fonte de felicidade individual na vida. Também, segundo o estudo de Dessen e Braz (2000), à população casada, além de fonte de felicidade, estão associados maiores níveis de bem-estar e qualidade de vida.

A conjugalidade pode ser entendida como o modelo de funcionamento relacional que serve de base à formação da díade conjugal e como um espaço de apoio ao desenvolvimento do sistema familiar (Alarcão, 2006;



Lourenço, 2006; Relvas, 1996).

O casal surge quando dois indivíduos se comprometem numa relação estável e “*que pretendem que se prolongue no tempo*” (Relvas, 1996, p.51) e é assumido o desejo de viverem juntos, constituir um lar e um modelo de funcionamento conjugal próprio. A sua constituição implica o aparecimento de um novo sistema, com normas e padrões relacionais próprios e específicos (Lourenço, 2006; Relvas, 1996). É importante salientar que, o casamento não significa apenas a união de dois indivíduos, mas sim a integração de dois sistemas familiares (Alarcão, 2006; Relvas, 1996). Deste modo, o casal tem como tarefa principal, a criação de um sentimento de pertença, onde é necessária a articulação e a negociação entre individualidade e conjugalidade (Relvas, 1996).

Também para Caillé (1994), cada díade cria o seu modelo único de ser casal, que denomina de “absoluto de casal”, onde devem ser definidos limites que o protejam da interferência de outros membros. Para tal, é imprescindível um fecho do sistema com o exterior, que será conseguido por meio de partilha e negociação (Alarcão, 2006; Relvas, 1996). Tendo por base, um jogo dinâmico de equilíbrios e constantes adaptações recíprocas, em que o casal, com maior ou menor dificuldade, vai usando os seus recursos e as suas potencialidades (Alarcão, 2006; Relvas, 1996).

Posto isto, a conjugalidade não deve ser entendida, exclusivamente, por um momento específico, mas sim, tendo em conta, a sua complexidade e a sua constante formação (Alarcão, 2006; Relvas, 1996). Refletir sobre a conjugalidade permite entendê-la como uma entidade complexa e dinâmica, onde o casal terá que se redescobrir e reinventar continuamente (Correia, 2012; Narciso & Ribeiro, 2009; Relvas, 1996).

Atendendo ao objetivo deste trabalho, nos tópicos seguintes encontram-se definidas as variáveis satisfação conjugal, amor romântico, *coping* diádico e sensibilidade olfativa. É também apresentada literatura que aponta para a influência de determinadas variáveis sociodemográficas (sexo, idade, nível de escolaridade, situação financeira e religiosidade) nas dimensões referidas anteriormente.

### **1.1. Satisfação conjugal**

A satisfação é um elemento fundamental das relações interpessoais, mais especificamente, das relações conjugais (Perlin & Diniz, 2005). Sendo o subsistema conjugal o núcleo de uma família (Alarcão, 2006; Lourenço, 2006; Relvas, 1996), são alguns os estudos que se têm debruçado sobre a temática da satisfação conjugal (e.g., Bradbury, Fincham, & Beach, 2000; Miranda, 1986).

A satisfação conjugal resulta, principalmente, da avaliação global, pessoal e subjetiva dos processos operativos ou comportamentais (comunicação, conflitos, resolução de conflitos, processos de decisão), afetivos (amor, intimidade e compromisso) e cognitivos (perceções, crenças, atribuições, expectativas) de cada cônjuge relativamente às várias áreas da vida conjugal (Erhabor & Ndlovu, 2013; Li & Fung, 2011; Narciso &

Ribeiro, 2009).

Segundo Erbert e Duck (1997), é imprescindível considerar a satisfação segundo uma perspectiva dialética, como parte de um processo mais vasto, em que satisfação e insatisfação coexistem, sendo duas dimensões distintas mas relacionadas. Também Fères-Carneiro e Neto (2010) acrescentam que a investigação tem demonstrado que a satisfação conjugal não se define, meramente, pela ausência de insatisfação. Assim, a satisfação conjugal deve ser compreendida, pela forma como os casais encaram e sentem a relação ao longo do tempo e não apenas num dado momento (Fères-Carneiro & Neto, 2010).

São vários os autores que visam explicar e melhor compreender a complexidade da satisfação na conjugalidade, com o intuito de conhecer os vários fatores e elementos que a influenciam, quer estejam associados ao casal (fatores centrípetos) ou ao contexto (fatores centrífugos) (Correia, 2012; McCabe, 2006; Narciso & Ribeiro, 2009). O facto de um casamento durar não significa necessariamente que este seja satisfatório. De salientar que, casamentos saudáveis propiciam um maior suporte aos cônjuges (Dessen & Braz, 2000), bem como um nível de bem-estar físico e psicológico mais elevado (Gottman & Silver, 2001, *cit in* Fortunato, 2009).

Ao comparar casais satisfeitos e insatisfeitos, Norgreen e colaboradores (2004) constataram que a satisfação aumenta quando há proximidade, estratégias adequadas de resolução de conflitos, coesão, comunicação, satisfação com o estatuto económico e quando os casais praticam a sua religião. Também Lourenço (2006) relata que, o facto de indivíduos casados residirem em meio predominantemente urbano parece encontrar-se associado a uma melhor satisfação na relação.

Perlin e Diniz (2005) mencionam que outros estudos relatam a satisfação conjugal como sendo afetada por fatores conscientes e inconscientes, ou seja, internos ao indivíduo. No entanto, esta pode também ser afetada por fatores do meio ambiente como a atividade sexual, o grau de escolaridade, nível socioeconómico, religião, tempo de casamento, presença e número de filhos no casamento, entre outros (Perlin & Diniz, 2005).

Jackson, Miller, Oka e Henry (2014) ressaltam a importância de compreender a vivência conjugal, tendo em conta que, homens e mulheres experienciam o casamento de forma diferente. Vários estudos (e.g., Fowers, 1991; Jose & Alfons, 2007; Perlin & Diniz, 2005; Rostami, Ghazinour, Nygren, & Richter, 2014; Schumm, 2012) mostram que são as mulheres que apresentam níveis inferiores de satisfação comparativamente aos homens.

Um estudo realizado com uma equipa médica do Irão que pretendia compreender como indivíduos, profissionais da área da saúde expostos a um estilo de vida *stressante*, percebem a sua satisfação conjugal e a sua qualidade de vida constatou que, o nível de escolaridade parece encontrar-se positivamente associado à satisfação conjugal (Rostami et al., 2014). Este trabalho é corroborado no estudo de Lourenço (2006), uma vez que indivíduos casados com ensino médio ou superior apresentam-se como menos vulneráveis ou com maiores recursos no casamento.

Procurando relacionar a satisfação conjugal com as variáveis sexo,

idade e nível de escolaridade, Groot e Brink (2002) referem na sua investigação que as mulheres que têm um companheiro mais velho e com um nível de escolaridade superior apresentam-se mais satisfeitas. Em contrapartida, os homens apresentam níveis de satisfação superiores quando a companheira é mais jovem que eles.

Archuleta, Britt, Tonn e Grable (2011) na sua investigação sugerem que casais financeiramente satisfeitos tendem a ter casamentos mais estáveis, enquanto casais submetidos a um maior número de *stressores* financeiros apresentam uma menor satisfação e uma maior probabilidade de divórcio.

Há ainda investigadores que sublinham a importância da relação entre religião e satisfação conjugal (e.g., Fowers, 1991; Hunler & Gençoz, 2005; Mahoney et al., 1999; Mahoney, Pargament, Tarakeshwar, & Swank, 2001; Sullivan, 2001; Weaver et al., 2002). Alguns dos seus trabalhos mostram que o envolvimento religioso aparece como um preditor importante da satisfação conjugal de um casamento a longo prazo (Mahoney et al., 2001; Weaver et al., 2002). Contudo, a religiosidade é preditora da satisfação conjugal, apenas quando as crenças são comuns aos dois elementos do casal (Hunler & Gençoz, 2005), pois propiciam oportunidades de participarem em conjunto em atividades religiosas (Mahoney et al., 1999; Norgreen et al., 2004). Noutra perspetiva, Sullivan (2001) refere que a religião encontra-se relacionada com a satisfação, através da postura com que os cônjuges se encontram na relação. Ou seja, casais com um maior nível de religiosidade têm uma maior probabilidade de possuir atitudes mais conservadoras face ao divórcio e assim, maiores níveis de compromisso na relação. Os resultados do estudo de Sullivan (2001), com casais recém-casados, vieram contrariar esta ideia, pois uma maior religiosidade, por parte do casal, não está associada a maior satisfação com o casamento. Maridos mais jovens com mulheres mais religiosas estão menos satisfeitos na relação do que os que têm mulheres menos religiosas. Fowers (1991) mostra que a religião apresenta-se como um aspeto do casamento mais importante para os homens do que para as mulheres.

Em suma, a satisfação conjugal parece ser afetada por uma série de variáveis sociodemográficas, tais como sexo, situação financeira, nível de escolaridade e religiosidade.

### **1.2. Amor romântico**

O amor romântico representa uma dimensão negligenciada na investigação e na terapia conjugal, o que pode ser compreensível dada a dificuldade e complexidade inerentes à própria definição e operacionalização da mesma (Riehl-Emde, Thomas, & Willi, 2003).

Não obstante a dificuldade mencionada, Relvas e Alarcão (2007) definem o amor, em sentido lato, como um estado emocional espontâneo, introduzido por uma ativação fisiológica, que provoca um desejo arrebatador pelo outro. Para Caillé (1994), o amor expõe uma configuração complexa e dinâmica de sentimentos conscientes sentidos relativamente a alguém e a um “nós” em criação – o absoluto de casal. Também Riehl-Emde e colaboradores (2003) contribuem para uma possível definição deste

constructo, referindo que este preenche um conjunto de necessidades psicológicas, designadamente, amar e ser amado, reconhecermo-nos através do outro, companhia, apoio emocional, autorrevelação e autodescoberta, e uma necessidade de partilha mútua da alegria de viver. Posto isto, entende-se que o amor seja facilmente aceite, procurado, cobiçado e glorificado (Grunebaum, 1997; Relvas, 1996).

Centrando a atenção no amor romântico, o papel que este desempenha terá significados diferentes para cada um dos cônjuges (e.g., De Munck, Korotayev, & Khaltourina, 2009; Grunebaum, 1997; Harrison & Shortall, 2011), envolvendo um conjunto alargado de sentimentos positivos, como carinho, proteção, paixão e intimidade, comunicação e, inevitavelmente, o sofrimento (Relvas & Alarcão, 2007). Seja para homens ou mulheres, o amor apresenta-se como um elemento fundamental para o estabelecimento e manutenção de uma relação conjugal (Wagner et al., 2011) e é também pela sua ausência que muitas relações terminam (Narciso & Ribeiro, 2009; Relvas, 1996).

Para a cultura ocidental, o amor romântico é considerado uma parte fundamental, se não a razão, do casamento (Acevedo & Aron, 2009). Em oposição, para a sociedade asiática, apesar do casamento ser muito valorizado, o amor não é a razão principal que leva dois indivíduos a casar, sendo referido pelas mulheres apenas como uma emoção e o casamento uma realidade (Brown, 1994).

A investigação sugere que o amor romântico pode e deve existir em casamentos mais duradouros, encontrando-se associado à satisfação conjugal, bem-estar e autoestima elevada (Acevedo & Aron, 2009). Harrison e Shortall (2011) referem que tanto homens como mulheres procuram e experienciam o amor na conjugalidade, sendo que as mulheres tendem a ser mais cautelosas na expressão e partilha deste sentimento. Também Sprecher e Metts (1999, *cit in* Narciso & Ribeiro, 2009) expõem que o nível de romantismo é mais elevado nos homens, variando contudo ao longo do tempo, parecendo diminuir em ambos os sexos.

### **1.3. Coping diádico**

Nas últimas décadas, o aumento do número de horas de trabalho e do número de casais que trabalha fora de casa tem provocado o surgimento de novas e diferentes situações *stressantes* no casamento, bem como uma diminuição das estratégias de resolução de conflitos (Perlin & Diniz, 2005). Dispondo assim o casal a uma maior pressão e, conseqüentemente, a mudanças na sua vida conjugal (Bodenmann, Ledermann, & Bradbury, 2007; Perlin & Diniz, 2005; Story & Bradbury, 2004).

Assim, para uma melhor compreensão do constructo em causa torna-se pertinente, inicialmente, refletir um pouco sobre os conceitos de *stress* e de *coping* diádico, apresentando posteriormente alguma investigação sobre o tema.

O *stress* é usado para definir e descrever uma série de situações e processos que se encontram associados a acontecimentos de vida e a conflitos conjugais (Story & Bradbury, 2004). Lazarus e Folkman (1984)

definem *stress* como um estado que resulta da avaliação do indivíduo a um *stressor* específico que representa uma ameaça, um desafio ou uma possível perda. Alarcão (2006) refere que o *stress* ao afetar um dos cônjuges irá provocar repercussões em todo o sistema conjugal. Tendo assim, um efeito direto no bem-estar do indivíduo e um efeito indireto, pelo seu impacto, ao nível individual, na díade conjugal (Pires, 2011). Importa atender à forma como o casal reage ao *stress*, pois é este que promove o desenvolvimento de forças (que promovam estratégias diádicas de *coping*) e/ou fragilidades no sistema conjugal (Alarcão, 2006).

O conceito de *coping* diádico surgiu apenas no início de 1990, quando investigadores pensaram relacionar *stress* e *coping* a casais, famílias e comunidades (Bodenmann, 2005). O *stress* e *coping* diádicos associados à conjugalidade são definidos como partes de um processo interpessoal, envolvendo ambos os cônjuges (Bodenmann, 2005). Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998) definem *coping* diádico como o conjunto de estratégias e esforços que o casal despende para se adaptar a situações *stressantes*, crónicas ou agudas, com vista à redução do *stress*. Para Bodenmann (2005), o *coping* diádico tem como principais objetivos a redução do *stress* e o fortalecimento da qualidade da relação conjugal.

Todas as tentativas de resposta a uma situação *stressora* por parte do sistema conjugal, sejam elas bem ou mal sucedidas, adaptativas ou não, são consideradas estratégias de *coping* diádico (Antoniazzi et al., 1998). Contudo, é importante ter em conta que o resultado de uma estratégia de *coping* é difícil de ser avaliado, podendo este alterar-se ao longo do tempo (Antoniazzi et al., 1998).

Uma análise à literatura existente permitiu constatar que, a importância e necessidade do estudo do *coping* diádico prende-se com o facto deste, em comparação com o *coping* individual, ser mais preditivo do funcionamento de uma relação conjugal (Papp & Witt, 2010). Pois, tal como Relvas e Alarcão (2007) referem, homens e mulheres lidam com o *stress* e o conflito de diferente forma, sendo as mulheres que, geralmente, iniciam e tendem a manter as discussões mais problemáticas, enquanto os homens estão mais direcionados para evitar ou desviar as interações conjugais negativas.

Dada a instabilidade financeira atual, os casais apresentam como principal *stressor* da vida conjugal a dificuldade de suportar as necessidades económicas básicas (Falconier & Epstein, 2011). Na investigação de Falconier e Epstein (2011) o *stress* financeiro aparece como um preditor da diminuição do bem-estar psicológico e das interações positivas entre os cônjuges.

Investigadores sublinham a importância da relação entre religião e *coping* diádico (e.g., Butler, Stout, & Gardner, 2002; Hunler & Gençoz, 2005; Weaver et al., 2002), referindo que a existência de práticas religiosas dentro da díade pode funcionar como *coping* positivo face às dificuldades e perdas que o casal enfrenta em tempos de crise (Weaver et al., 2002). Butler e colaboradores (2002) evidenciam que, a oração para os casais religiosos facilita a reconciliação e a utilização de estratégias de resolução de

problemas. Existe, aparentemente, uma relação entre prática religiosa, esperança e situações *stressantes* e de conflito na conjugalidade (Butler et al., 2002). Contudo, o estudo de Hunler e Gençoz (2005) mostra precisamente o contrário, ou seja, a religiosidade não aumenta as estratégias de resolução de *stress* e conflito, na díade conjugal.

Por fim, ajudar cônjuges a enfrentar situações *stressantes* e a gerir estratégias de *coping* pode ainda ser uma ferramenta útil em programas de intervenção, com intuito de prevenir e procurar alternativas ao sofrimento (Bodenmann et al., 2007).

#### **1.4. Sensibilidade olfativa**

Tendo em conta a literatura existente, pode entender-se a capacidade olfativa como essencial ao ser humano, influenciando o seu estado de espírito, os seus pensamentos e emoções e, até mesmo, o seu comportamento face aos outros (Sorokowska, Sorokowski, & Hummel, 2014). Além de permitir ao indivíduo o conhecimento de odores relevantes para determinadas situações de vida (Hudson, 1999, *cit in* Sorokowska, 2013; Penn et al., 2007). Faculta ainda informações sobre o sexo feminino e masculino, a atividade sexual (Hold & Schleidt, 1977, *cit in* Sorokowska, Sorokowski, & Szmajke, 2012) e a idade (Haze et al., 2001).

Também Wrzesniewski, McCauley e Rozin (1999) consideram que o olfato e o paladar são os sentidos que se destacam como tendo um impacto emocional imediato e direto no ser humano. Contudo, a importância dos odores varia de indivíduo para indivíduo, bem como a sua influência na escolha e gosto por comida, pessoas ou lugares (Wrzesniewski et al., 1999).

Smeets, Hendrik, Schifferstein, Boelema e Lensvelt-Mulders (2008) evidenciam que, indivíduos mais conscientes dos odores experienciam emoções mais ricas e profundas. Segundo estes autores, a sensibilidade olfativa dos indivíduos difere, estando uns mais focados nos odores negativos e que sinalizam o perigo, enquanto outros encontram-se mais conscientes de odores agradáveis e positivos.

Investigações com animais mostram que as diferenças sexuais na perceção de odores podem desempenhar um papel significativo na escolha do parceiro e nas suas relações sexuais (Bossert & Wilson, 1963; Doty & Cameron, 2009). Neste sentido, também para o ser humano a importância do odor é evidenciada (Jacob, McClintock, Zelano, & Ober, 2002; Ober, 1999; Sorokowska et al., 2012; Wedekind, Seebeck, Bettens, & Paepke, 1995), embora os resultados não apontem para uma diferença de precisão de odores entre homens e mulheres (Sorokowska et al., 2012). No entanto, os trabalhos de Doty e Cameron (2009) mostram que no julgamento de odores as mulheres apresentam-se como mais precisas e referem o cheiro como um fator crítico para a escolha do parceiro. Enquanto para os homens o fator determinante é a aparência feminina (Doty & Cameron, 2009).

Doty e Cameron (2009), no seu estudo sobre a relação entre as diferenças de sexo e as alterações hormonais, referem que numa variedade de contextos sociais e sexuais as mulheres encontram-se mais orientadas para o cheiro. Relativamente, à sensibilidade olfativa dos odores pessoais

são as mulheres, comparativamente aos homens, que avaliam os seus próprios odores axilares como menos agradáveis.

Apesar da existência de alguma investigação associada ao estudo da conjugalidade, é notória a necessidade de novas linhas de investigação que procurem compreender a relação e a influência da sensibilidade olfativa com e na conjugalidade. Pois parecem existir investigações com resultados contraditórios relativamente a este aspeto.

## **II - Objetivos**

O objetivo principal deste estudo consiste em explorar diferenças no modo como é percebida a satisfação conjugal (A), o amor romântico (B), o *coping* diádico (C) e a sensibilidade olfativa (D), em indivíduos heterossexuais casados, atendendo às variáveis sociodemográficas sexo, nível de escolaridade, situação financeira e religiosidade. Para além disso, pretende analisar se há (ou não) uma relação entre as variáveis da conjugalidade e a idade.

Para concretizar este objetivo principal foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Verificar se existem diferenças quanto à percepção subjetiva da/o A, B, C e D, tendo em conta o sexo dos indivíduos;
2. Investigar a relação entre as dimensões A, B, C e D e a idade;
3. Analisar se existem diferenças na forma como os indivíduos percebem A, B e C, tendo em conta o nível de escolaridade;
4. Perceber se existem diferenças no modo como os indivíduos percebem A, B e C, atendendo à sua situação financeira;
5. Averiguar se existem diferenças na percepção dos indivíduos face à/o A, B e C, considerando a sua religiosidade.

## **III - Metodologia**

### **3.1. Amostra**

#### **3.1.1. Seleção e procedimento de recolha da amostra**

O presente estudo surge na sequência da participação portuguesa no projeto de investigação transcultural "*Marital Satisfaction Project*", desenvolvido em 45 países do mundo (coordenado pelo Doutor Piotr Sorokowski e, no que diz respeito à participação portuguesa, pela Doutora Ana Paula Relvas) e tem como finalidade estudar a satisfação conjugal em diferentes países.

A amostra foi recolhida através de uma técnica de amostragem não probabilística, mais especificamente, uma amostragem de conveniência pelo método bola de neve. A recolha da amostra foi, maioritariamente, conduzida por professores, investigadores e alunos da Faculdade de Psicologia e de

Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, durante o mês de abril de 2013. No que diz respeito aos critérios de inclusão, o protocolo foi apenas preenchido por indivíduos heterossexuais casados, maiores de 18 anos e que soubessem ler e escrever.

Assim, foi entregue a cada um dos participantes um envelope que continha informações sobre o projeto e os questionários. Eticamente foi garantida a confidencialidade e o anonimato das respostas de todos os participantes, preenchendo estes, previamente à participação, o consentimento informado.

### 3.1.2. Caracterização da amostra

A amostra é constituída por 283 indivíduos casados: 101 indivíduos do sexo masculino (35.70%) e 182 indivíduos do sexo feminino (64.30%) (cf. Tabela 1). Os sujeitos apresentam idades compreendidas entre os 19 e os 81 anos, sendo a média de idades de 46.25 anos ( $DP = 11.10$ ). A maioria dos indivíduos tem dois ( $n = 144, 50.90\%$ ) ou apenas um filho ( $n = 84, 29.70\%$ ). A maioria dos sujeitos possui escolaridade ao nível do secundário ou equivalente a este ( $n = 92, 32.50\%$ ), ou ao nível da licenciatura ou graus superiores ( $n = 82, 29.00\%$ ). No que concerne à situação financeira, a maioria da amostra insere-se na categoria semelhante à média do meu país ( $n = 190, 67.10\%$ ). No que diz respeito à religião, constata-se que 248 (87.60%) dos indivíduos casados são católicos, 24 (8.50%) não seguem atualmente nenhuma religião e 11 (3.90%) assumem outra religião diferente da católica (e.g., budista, jeová, evangélica).

## 3.2. Instrumentos

O protocolo original foi submetido a um processo de tradução e retrotradução, ou seja, procedeu-se à sua tradução, realizada de forma independente por três investigadores. De seguida, foram discutidas as diversas versões. Sendo, posteriormente, realizada a retrotradução da versão portuguesa e levada a cabo uma análise comparativa desta retrotradução com a versão original do protocolo.

O protocolo utilizado na presente investigação (cf. Anexo A) é constituído por cinco instrumentos, apresentados sumariamente de seguida.

### 3.2.1. Informações sociodemográficas

Foi concebido um questionário sociodemográfico, com o intuito de recolher informações relativas ao sexo, idade, religião (e.g., católica, outras ou nenhuma), religiosidade (*É religioso(a)?*), nível de escolaridade, anos de casamento e número de filhos. Este questionário incluía ainda uma questão que permitia operacionalizar a variável situação financeira, em que os participantes podiam escolher entre cinco níveis de resposta, podendo estas variar entre  *muito melhor do que a média do país*  e  *muito pior do que a média do país* .



**Tabela 1.**  
*Caracterização Sociodemográfica da Amostra*

Variáveis	Categorias	Amostra	
		<i>n</i>	%
Sexo	Masculino	101	35.70
	Feminino	182	64.30
		<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade		46.25	11.10
Classes etárias	18.5 – 25.5	6	2.10
	25.5 – 32.5	26	9.20
	32.5 – 39.5	45	15.90
	39.5 – 46.5	66	23.30
	46.5 – 53.5	70	24.70
	53.5 – 60.5	36	12.70
	60.5 – 67.5	22	7.80
	67.5 – 74.5	4	1.40
	74.5 – 81.5	4	1.40
Anos casamento	0 – 10	69	24.40
	11 – 19	60	21.20
	≥ 20	154	54.40
Nº de filhos	0	25	8.80
	1	84	29.70
	2	144	50.90
	3	18	6.40
	4	4	1.40
	5	1	0.40
Nível de escolaridade	Sem escolarização até ao 1º ciclo	35	12.40
	2º e 3º ciclos	63	22.30
	Secundário ou curso profissional	92	32.50
	Licenciatura ou graus superiores	82	29.00
Situação financeira	Melhor que a média do meu país	34	12.00
	Semelhante à média do meu país	190	67.10
	Pior que a média do meu país	54	19.10
Religião	Católica	248	87.60
	Outros	11	3.90
	Nenhuma	24	8.50

### 3.2.2. Satisfação conjugal

A satisfação conjugal foi avaliada através da escala *Kansas Marital Satisfaction Scale*, criada por Schumm, Nichols, Schectman, & Grisby em 1983 (KMSS; Crane, Middleton, & Bean, 2000).

Trata-se de um instrumento breve de autorresposta que pretende avaliar a satisfação conjugal. Esta escala é composta por 3 questões, sendo elas: *Quão satisfeito está com o seu relacionamento?*, *Quão satisfeito está com o seu marido/a sua esposa enquanto cônjuge?* e *Quão satisfeito se sente na sua relação com o seu marido/a sua esposa?*. Na KMSS, os participantes devem assinalar em que medida se encontram satisfeitos ou não com a sua relação conjugal, de acordo com uma escala do tipo *Likert* com sete níveis de resposta, em que o valor 1 corresponde a  *muito insatisfeito* e o valor 7 a  *muito satisfeito*.

A pontuação total deste instrumento consiste na soma total das pontuações dos itens, sendo que resultados mais elevados correspondem a uma maior satisfação conjugal. Um valor igual ou superior a 17 indica que o indivíduo ou a díade conjugal se encontra satisfeita, enquanto um valor inferior ou igual a 16 aponta para insatisfação com a relação.

No presente estudo, a escala apresenta uma consistência interna muito boa ( $\alpha = .97$ ) (Pestana & Gageiro, 2005).

### 3.2.3. Amor romântico

O amor romântico foi avaliado através da subescala *Love Scale* do instrumento *Marriage and Relationships Questionnaire* (MARQ; Russell & Wells, 1993). A versão original da escala foi desenvolvida por Russel e Wells em 1986 e continha 235 questões de escolha múltipla e de verdadeiro e falso. No entanto, os seus autores em 1993 desenvolveram uma escala com apenas 61 itens (Russell & Wells, 1993; 2000). A MARQ é composta por 12 subescalas e tem como objetivo capturar uma visão abrangente dos sentimentos dos indivíduos sobre si e a sua relação conjugal. A *Love Scale* visa avaliar a ligação romântica e apaixonada entre os parceiros. Esta escala é constituída por 9 itens, em que os participantes devem assinalar em que medida concordam com as afirmações apresentadas, segundo uma escala do tipo *Likert* com 5 níveis de resposta, em que o valor 1 corresponde a  *sim* e o valor 5 a  *não*.

A pontuação total desta subescala consiste na soma total das pontuações dos itens, sendo que resultados mais elevados apontam para um nível inferior de amor romântico entre os cônjuges.

No presente estudo, a escala apresenta uma consistência interna muito boa ( $\alpha = .96$ ) (Pestana & Gageiro, 2005).

### 3.2.4. Coping diádico

O *coping* diádico foi estimado através de 11 itens do *Dyadic Coping Inventory*, criado por Bodenmann em 2008 (DCI; Simmons & Lehmann, 2013). O DCI é um questionário de autorresposta desenvolvido com o intuito de avaliar o modo como o cônjuge e/ou a díade conjugal lidam com o *stress*. Este é composto por 37 itens de resposta fechada, avaliados segundo uma

escala do tipo *Likert* com 5 níveis de resposta, em que o valor 1 corresponde a *nunca/ muito raramente* e o valor 5 a *muito frequentemente*.

A pontuação total deste instrumento consiste na soma total das pontuações dos itens, sendo que resultados mais elevados indicam uma maior capacidade da díade conjugal lidar com o *stress*.

O coeficiente alfa de *Cronbach* para a amostra é de .81, indicando, segundo Pestana e Gageiro (2005), uma boa consistência interna.

### 3.2.5. Sensibilidade olfativa

Para avaliar a sensibilidade olfativa dos sujeitos foram usados 8 itens da *Odor Awareness Scale* (OAS; Smeets et al., 2008). Esta escala foi concebida com o intuito de avaliar as diferenças individuais na consciência de odores no meio ambiente. A escala original contém 34 itens. Os itens são avaliados de acordo com 5 categorias de resposta, segundo uma escala de tipo *Likert* de 5 pontos.

A pontuação total deste instrumento consiste na soma total das pontuações dos itens, sendo que resultados mais elevados correspondem a uma maior consciência dos odores.

O coeficiente alfa de *Cronbach* na amostra é de .79, indicando, segundo Pestana e Gageiro (2005), uma consistência interna razoável.

### 3.3. Procedimentos estatísticos

Após a recolha e inserção de dados numa base de dados procedeu-se ao seu tratamento estatístico, recorrendo ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS; versão 22) (SPSS Inc., 2013).

Inicialmente realizou-se a inversão dos itens (3, 4, 7 e 9) da escala que avalia o *coping* diádico. Atendendo ao número de não respostas (*missing values*) na base de dados e, uma vez que estas foram inferiores a 20%, não sendo suscetíveis de enviesar os dados, optou-se pela utilização da média dos itens para as substituir (Pestana & Gageiro, 2005).

De seguida, criou-se uma nova variável relativa às fases do ciclo vital do casal (Fusão, Autonomia e Empatia) propostas por DeFrank-Lynch (1986, *cit in* Lourenço, 2006). Além do referido, procedeu-se ao agrupamento das variáveis idade [(18.5-25.5) ... (74.5-81.5)], nível de escolaridade (sem escolarização até ao 1º ciclo, 2º e 3º ciclos, secundário ou curso profissional e licenciatura ou graus superiores), situação financeira (melhor do que a média do país, semelhante à média do país e pior do que a média do país), religião (católica, outra ou nenhuma) e religiosidade (nada religioso e extremamente religioso). Após esta organização, seguiu-se a caracterização sociodemográfica da amostra através da análise da estatística descritiva.

Posteriormente, recorreu-se à verificação da consistência interna (*Alpha de Cronbach*), da normalidade das distribuições das variáveis (*Shapiro-Wilk*) e da homogeneidade das variâncias (*Teste de Levene*). De acordo com os resultados obtidos, foi possível constatar que a normalidade é assumida e no que concerne à análise da homogeneidade concluiu-se que em dois casos esta não se verifica. Assim, procedeu-se à decisão dos testes a

executar.

Na categoria de testes paramétricos recorreu-se ao t de Student para as variáveis sexo, situação financeira e religiosidade e à ANOVA para o nível de escolaridade. O teste U de Mann-Whitney (para estudar as diferenças ao nível da percepção da satisfação conjugal atendendo à variável situação financeira) e o teste de Kruskal-Wallis (para analisar das diferenças na percepção do amor romântico, tendo em conta o nível de escolaridade) foram os testes não paramétricos utilizados. Com o intuito de perceber a relação da idade com as dimensões da conjugalidade recorreu-se à Correlação de Pearson.

#### IV - Resultados

No presente tópico encontram-se os resultados dos testes realizados, com vista a testar os objetivos estabelecidos anteriormente.

De salientar que, para a análise das características sociodemográficas situação financeira e religiosidade, apenas, foram considerados os grupos com respostas extremas, com o intuito de equilibrar a dimensão dos mesmos e assim poderem ser comparados entre si.

##### 4.1. Satisfação conjugal

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para a variável satisfação conjugal, relativamente ao sexo (cf. Tabela 2), ao nível de escolaridade (cf. Tabela 3), à situação financeira (cf. Tabela 4) e à religiosidade (cf. Tabela 2). Também na correlação de Pearson não foi verificada uma associação entre a idade e a satisfação conjugal (cf. Tabela 5).

**Tabela 2.**  
*Diferenças na Satisfação Conjugal atendendo ao Sexo e à Religiosidade (t de Student)*

Variável	Níveis da variável	N	M (DP)	gl	t	p
Sexo	Masculino	101	17.56 (4.85)	281	1.64	.102
	Feminino	182	16.57 (4.91)			
Religiosidade	Nada	45	16.93 (4.94)	71	-.44	.658
	Extremamente	28	17.46 (5.04)			

**Tabela 3.**  
*Diferenças na Satisfação Conjugal atendendo ao Nível de Escolaridade (ANOVA)*

Variável	Níveis da variável	<i>n</i>	<i>M (DP)</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Nível de escolaridade	Sem escolarização até ao 4º ano	35	18.51 (3.95)	1.67	.174
	2º e 3º ciclo	63	16.57 (5.25)		
	Ensino secundário ou profissional	92	17.07 (5.03)		
	Licenciatura ou graus superiores	82	16.42 (4.71)		

**Tabela 4.**  
*Diferenças na Satisfação Conjugal atendendo à Situação Financeira (U de Mann-Whitney)*

Variável	Níveis da variável	<i>n</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>U</i>	<i>p</i>
Situação financeira	Melhor do que a média	34	49.88	<i>U</i> = 735.00 <i>Z</i> = -1.61	.107
	Pior do que a média	54	41.11		

**Tabela 5.**  
*Relação entre Satisfação Conjugal e Idade (Correlação de Pearson)*

	Idade	Satisfação conjugal
Idade	-	
Satisfação conjugal	-.05	-

#### 4.2. Amor romântico

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão amor romântico, atendendo ao sexo (cf. Tabela 6), ao nível de escolaridade (cf. Tabela 7), à situação financeira (cf. Tabela 6) e à religiosidade (cf. Tabela 6). Também na correlação de Pearson não foi verificada uma relação entre o amor romântico e a idade (cf. Tabela 8).

**Tabela 6.**

*Diferenças no Amor Romântico atendendo ao Sexo, à Situação Financeira e à Religiosidade (t de Student)*

Variável	Níveis da variável	<i>n</i>	<i>M (DP)</i>	<i>gl</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Sexo	Masculino	101	11.96 (5.98)	281	-1.78	.076
	Feminino	182	13.38 (6.64)			
Situação financeira	Melhor do que a média	34	11.64 (6.59)	86	-1.20	.235
	Pior do que a média	54	13.30 (6.18)			
Religiosidade	Nada	45	12.78 (4.96)	71	-.55	.588
	Extremamente	28	13.71 (9.69)			

**Tabela 7.**

*Diferenças no Amor Romântico atendendo ao Nível de Escolaridade (Kruskal-Wallis)*

	$\chi^2_{KW}$	<i>p</i>
Nível de escolaridade	.63	.890

**Tabela 8.**

*Relação entre Amor Romântico e Idade (Correlação de Pearson)*

	Idade	Amor romântico
Idade	-	
Amor romântico	-.01	-

### 4.3. Coping diádico

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para a dimensão *coping* diádico, atendendo ao sexo (cf. Tabela 9), ao nível de escolaridade (cf. Tabela 10), à situação financeira (cf. Tabela 9) e à religiosidade (cf. Tabela 9).

Na correlação de Pearson foi possível constatar uma associação significativa, com uma direção negativa e uma magnitude baixa entre as variáveis *coping* diádico e idade ( $r = -.14$ ,  $n = 279$ ,  $p = .018$ ) (Cohen, 1988). Parece assim existir uma diminuição na percepção do *coping* diádico à medida que a idade aumenta (cf. Tabela 11).

**Tabela 9.**

*Diferenças no Coping Diádico atendendo ao Sexo, à Situação Financeira e à Religiosidade (t de Student)*

Variável	Níveis da variável	<i>n</i>	<i>M (DP)</i>	<i>gl</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Sexo	Masculino	101	40.98 (6.37)	281	1.23	.219
	Feminino	182	39.90 (7.45)			
Situação financeira	Melhor do que a média	34	41.18 (6.63)	86	1.28	.204
	Pior do que a média	54	39.14 (7.66)			
Religiosidade	Nada	45	40.05 (7.52)	71	-1.14	.257
	Extremamente	28	42.05 (6.79)			

**Tabela 10.**

*Diferenças no Coping Diádico atendendo ao Nível de Escolaridade (ANOVA)*

Variável	Níveis da variável	<i>n</i>	<i>M (DP)</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
Nível de escolaridade	Sem escolarização até ao 4º ano	35	39.32 (6.91)	2.37	.071
	2º e 3º ciclo	63	39.01 (7.91)		
	Ensino secundário ou profissional	92	40.26 (6.68)		
	Licenciatura ou graus superiores	82	41.94 (6.95)		

**Tabela 11.**

*Relação entre Coping Diádico e Idade (Correlação de Pearson)*

	Idade	Coping diádico
Idade	-	
Coping diádico	-.14*	-

\**p* < .05

#### 4.4. Sensibilidade olfativa

Para a presente variável apenas foram consideradas para análise as variáveis sociodemográficas sexo e idade, pois uma análise da sensibilidade olfativa tendo em conta o nível de escolaridade, a situação financeira ou mesmo a religiosidade, não faria sentido do ponto de vista teórico.

Os resultados obtidos para a sensibilidade olfativa atendendo ao sexo mostram que as mulheres ( $M = 31.07$ ,  $DP = 4.22$ ) apresentam resultados superiores aos homens ( $M = 27.82$ ,  $DP = 4.86$ ), verificando-se a

(Re)Descobrir a Conjugalidade:

Estudo do impacto das variáveis sociodemográficas  
 Andreia Ferreira (e-mail: andrea\_patriciate@hotmail.com) 2015

significância estatística dessas diferenças ( $t(281) = -5.88, p < .001$ ). A magnitude das diferenças entre as médias é moderada ( $eta\ squared = .10$ ) (Cohen, 1988) (cf. Tabela 12).

Relativamente aos resultados para a idade, não foi verificada uma relação entre as variáveis (cf. Tabela 13).

**Tabela 12.**  
*Diferenças na Sensibilidade Olfativa atendendo ao Sexo (t de Student)*

Variável	Níveis da variável	<i>n</i>	<i>M (DP)</i>	<i>gl</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Sexo	Masculino	101	27.82 (4.86)	281	-5.88	<.001**
	Feminino	182	31.07 (4.22)			

\*\*  $p < .001$

**Tabela 13.**  
*Relação entre Sensibilidade Olfativa e Idade (Correlação de Pearson)*

	Idade	Sensibilidade olfativa
Idade	-	
Sensibilidade olfativa	.02	-

## V - Discussão

Partindo do pressuposto de que as relações conjugais são um núcleo fundamental no bem-estar pessoal e na satisfação com a vida (Dessen & Braz, 2000), é extremamente relevante investir em estudos que permitam compreender, cada vez melhor, os fatores que influenciam a conjugalidade. Adicionalmente, o facto dos problemas conjugais se encontrarem associados a níveis inferiores de saúde física e psicológica (Norgreen et al., 2004) remete-nos igualmente para a importância da conjugalidade.

Na presente investigação, uma das principais conclusões refere-se à ausência de diferenças na vivência da conjugalidade, atendendo à maioria das características sociodemográficas analisadas. Tal poderá ser explicado se atendermos à complexidade inerente à relação conjugal. Pois importa compreendê-la não apenas num dado momento, mas sim ao longo do tempo, desde a sua formação até às vivências atuais dos elementos que a compõem, como uma entidade dinâmica e complexa (Fêres-Carneiro & Neto, 2010; Narciso & Ribeiro, 2009; Relvas, 1996).

Nos tópicos seguintes encontram-se expostos, discutidos e fundamentados os resultados desta investigação, atendendo às dimensões da conjugalidade em estudo.

### Satisfação conjugal

Neste estudo, observou-se que não existem diferenças ao nível perceção subjetiva da satisfação conjugal em termos do sexo. Este resultado pode ficar a dever-se à constituição da presente amostra, uma vez que o

(Re)Descobrir a Conjugalidade:

Estudo do impacto das variáveis sociodemográficas  
Andreia Ferreira (e-mail: andreia\_patriciate@hotmail.com) 2015



número de homens é inferior ao das mulheres. Porém, verifica-se também que no sexo feminino, a média obtida na percepção desta dimensão é menor do que a do sexo masculino, sendo este dado corroborado pela literatura. Jackson e colaboradores (2014) referem a existência de diferenças, entre o sexo feminino e masculino, relativas ao modo como é vivido o casamento (Jackson et al., 2014). Mais especificamente, alguns estudos reportam níveis inferiores de satisfação das mulheres comparativamente aos homens (Fowers, 1991; Jose & Alfons, 2007; Perlin & Diniz, 2005; Rostami et al., 2014; Schumm, 2012).

Seria esperada uma relação entre a percepção da satisfação conjugal e a idade supondo que, quanto maior a idade maior será a possibilidade dos indivíduos se encontrarem na fase do ciclo vital da família com filhos adultos. Sendo característico deste estágio a saída dos filhos de casa, o que possibilita ao casal mais tempo e oportunidades para si (Gorchoff, John, & Helson, 2008). Acrescente-se também que, o facto de os filhos saírem de casa, transmite ao casal um sentimento de sucesso e superação aos desafios de ser pai ou mãe (Gorchoff et al., 2008). Contudo, os resultados obtidos neste estudo não apontam para uma relação entre as duas variáveis.

Rostami e colaboradores (2014) apontam para a existência de uma associação positiva entre o nível de escolaridade e a satisfação conjugal. No entanto, os resultados obtidos neste trabalho não corroboram o referido pelos autores.

Embora, na presente investigação, não sejam observadas diferenças significativas na satisfação conjugal, atendendo à situação financeira dos indivíduos, verifica-se que em sujeitos com uma situação financeira inferior a média obtida na percepção desta dimensão é menor do que em sujeitos com uma situação financeira superior. Este resultado é corroborado pelos autores Archuleta e colaboradores (2011), os quais referem que os casais expostos a maiores *stressores* financeiros apresentam, conseqüentemente, uma menor satisfação com o seu casamento.

Alguns estudos relatam a existência de uma associação positiva da religiosidade com a satisfação conjugal (e.g., Fowers, 1991; Mahoney et al., 1999), tendo sido possível verificar essa mesma tendência nos resultados deste estudo. Contudo, não foram verificadas diferenças significativas, acreditando-se que os resultados obtidos possam ser influenciados pelo tamanho da amostra.

### **Amor romântico**

As alterações ao nível da liberdade da expressão de sentimentos na sociedade ocidental, levaram a que o amor romântico se tornasse um elemento fundamental nas relações conjugais, seja para homens ou mulheres (Wagner et al., 2011). Apesar de, tanto homens como mulheres, procurarem e sentirem o amor dentro das suas relações, o papel por ele desempenhado pode exercer funções e significados diferentes para cada um dos cônjuges (e.g., De Munck et al., 2009; Grunebaum, 1997; Harrison & Shortall, 2011).

Segundo Harrison e Shortall (2011), as mulheres tendem a ser mais cuidadosas na expressão deste sentimento. Apresentando assim, um nível de

romantismo inferior ao dos homens (Sprecher & Metts, 1999, *cit in* Narciso & Ribeiro, 2009). Embora não tenham sido encontradas diferenças significativas na presente investigação, observa-se que, tendencialmente, o sexo feminino apresenta um nível inferior na percepção do amor romântico, indo assim ao encontro do referido pela literatura.

Atendendo à experiência de vários sentimentos inerentes à vivência e à consequente partilha mútua do amor romântico, por parte da díade conjugal. E, considerando ainda, a complexidade e subjetividade inerentes à definição e estudo desta dimensão (Riehl-Emde et al., 2003), bem como ao facto de ser um sentimento de carácter tão universal são aspetos que podem explicar a ausência de diferenças encontradas entre os grupos em estudo nesta investigação.

### ***Coping* diádico**

Relvas e Alarcão (2007) mencionam que os homens e as mulheres diferem na forma como lidam com o *stress*. As mulheres parecem manter as discussões mais problemáticas e os homens evitar as interações negativas na díade conjugal. Deste modo, esperava-se a existência de diferenças entre o sexo feminino e masculino na percepção do *coping* diádico. No entanto, os resultados deste estudo não corroboram a hipótese explanada pelas autoras.

De acordo com os resultados obtidos, pode verificar-se que ocorre uma diminuição na percepção subjetiva de *coping* diádico à medida que a idade dos indivíduos aumenta. Tal resultado não é sustentado pela literatura, tanto quanto se sabe, dada a ausência de investigações que relacionem *coping* diádico e idade. Uma possível explicação para esta diminuição pode dever-se ao facto de os cônjuges enfrentarem diariamente novos e diferentes *stressores* (Perlin & Diniz, 2005), relacionados com o aumento do número de tarefas, papéis sociais e ocupações. Deste modo, os casais vêm-se de tal modo inquietos e absorvidos pelos *stressores* que, disponibilizam menos tempo e são menos afetivos para com o parceiro e a relação. A percepção dos elementos da díade face à falta de disponibilidade pode, ainda, funcionar como um fator acrescido de *stress*.

Estes resultados podem ser compreensíveis e consistentes com a literatura, se a idade dos indivíduos for relacionada com o estágio do ciclo vital da família com filhos adultos. Esta fase é de grandes e importantes movimentos e transformações relacionais, também, marcada por entradas e saídas no sistema familiar (Alarcão, 2006; Relvas, 1996). A díade conjugal encontra-se assim, presa entre outras duas gerações adultas (os filhos e os pais) e tem como tarefas fundamentais: facilitar e promover a autonomia dos filhos com a saída destes de casa, renegociar a sua relação conjugal, realizando um balanço do seu casamento, da sua vida profissional e individual e por último, mas não menos importante, aprender a lidar com o seu próprio envelhecimento e dos seus (Alarcão, 2006; Relvas, 1996).

Procurou-se verificar se existiam diferenças na percepção do *coping* diádico, tendo em conta o nível de escolaridade. Embora não tenham sido alcançados dados significativos, observa-se que parece ocorrer um aumento da percepção do *coping* diádico à medida que a escolaridade aumenta. O que

poderá dever-se ao facto destes indivíduos disporem de mais e maiores recursos do que os indivíduos menos escolarizados (Lourenço, 2006).

Nos resultados para o *coping* diádico, tendo em conta a situação financeira não foram reveladas diferenças significativas. No entanto, pode verificar-se que nos indivíduos com uma situação financeira inferior, a média obtida na perceção do *coping* diádico é tendencialmente menor do que nos indivíduos com uma melhor situação financeira. Tal dado é corroborado por Falconier e Epstein (2011). Estes autores mencionam que um preditor do decréscimo do bem-estar psicológico e das interações positivas entre a díade conjugal é o *stress* financeiro.

Atendendo à religiosidade, alguns estudos referem a existência de uma associação positiva desta com o *coping* diádico (e.g., Butler et al., 2002; Weaver et al., 2002). Contudo, os resultados alcançados neste estudo demonstram que parece não estar associada a uma maior religiosidade, uma maior perceção de *coping* diádico. O resultado da presente investigação é assim corroborado pelo trabalho de Hunler e Gençoz (2005), os quais mostram que uma maior religiosidade, não aumenta as estratégias de resolução ou diminuição do *stress* entre o casal. Neste sentido, devem ser tidas em consideração as diferenças existentes entre as práticas religiosas das diferentes religiões (Hunler & Gençoz, 2005). Adicionalmente, esta não associação pode dever-se ainda ao facto dos casais não praticarem a sua crença em conjunto (Hunler & Gençoz, 2005). No entanto, é de salientar que na pesquisa bibliográfica que foi feita não foi encontrado nenhum estudo que tenha especificado de que forma a religiosidade, as suas crenças e os seus processos levam a uma maior perceção ou de que forma influenciam o *coping* diádico.

### **Sensibilidade olfativa**

Tal como expectável, um dos principais resultados obtidos demonstra que existem, efetivamente, diferenças ao nível do sexo em termos da perceção subjetiva da sensibilidade olfativa. No sentido em que, o sexo feminino apresenta uma maior sensibilidade e atribui uma maior importância aos odores para o estabelecimento e manutenção de uma relação. Vários autores comprovam que a importância dos odores na vida do ser humano é inegável (Jacob et al., 2002; Ober, 1999; Sorokowska et al., 2012; Wedekind et al., 1995). Tendo estes uma influência no humor, nos pensamentos e sentimentos e, por vezes, também no comportamento de aproximação ou afastamento face aos outros (Sorokowska et al., 2014). Outros estudos demonstram ainda que a importância e relevância dos odores varia entre os indivíduos e, mais especificamente, entre homens e mulheres. Também no trabalho de Doty e Cameron (2009) é referido que para o sexo feminino os odores e o julgamento destes se apresentam como um fator importante na escolha do parceiro e na manutenção de uma relação, tal como parece indicar a presente investigação.

Relativamente à ausência de uma relação entre a sensibilidade olfativa e idade, tanto quanto foi possível pesquisar, não foi encontrada na literatura nenhuma investigação sobre o assunto.

De uma maneira geral, salienta-se que os instrumentos utilizados nesta investigação constituem uma excelente ferramenta para os profissionais da área, dada a sua boa fiabilidade e brevidade de resposta. Acrescente-se também que, este estudo oferece um contributo pertinente, uma vez que alerta para a necessidade do estudo de novos temas e fatores relativos à conjugalidade, sendo disso um bom exemplo a sensibilidade olfativa. Atentando sobre a crescente procura de ajuda por parte de casais e o aumento das taxas de divórcio, acentua-se a necessidade de continuar a estudar, para melhor compreender a dinâmica das relações conjugais e as dimensões a ela associadas. Apenas deste modo se poderá oferecer uma intervenção terapêutica adequada e eficaz.

## VI – Conclusão

O principal objetivo da presente investigação foi analisar em que medida existem diferenças no modo como os indivíduos percebem a satisfação conjugal, o amor romântico, o *coping* diádico e a sensibilidade olfativa, atendendo às suas características sociodemográficas, designadamente ao nível do sexo, nível de escolaridade, situação financeira e religiosidade. Explorando ainda a existência (ou não) de uma relação entre as variáveis da conjugalidade supracitadas e a idade.

De um modo geral, os resultados deste estudo possibilitam traçar um quadro compreensivo sobre algumas das dimensões da conjugalidade. As dimensões em estudo não parecem sofrer alterações atendendo às características sociodemográficas dos sujeitos. Todavia, é de salientar que a percepção da sensibilidade olfativa parece diferir entre o sexo feminino e masculino. Deste modo, parecem ser as mulheres que atribuem maior importância e sensibilidade aos odores na relação conjugal. Foi também possível constatar que parece ocorrer uma diminuição da percepção do *coping* diádico à medida que a idade aumenta.

Do presente estudo, destaca-se como limitação, tanto quanto se sabe, a ausência de literatura científica relevante para a construção de uma base teórica relativamente às temáticas do amor romântico e da sensibilidade olfativa.

Também como limitação aponta-se o facto de a investigação ser exploratória. Condicionando assim a generalização das suas conclusões para a população portuguesa, atendendo a que se recorreu a uma amostra de conveniência. Deste modo, os resultados deste estudo servem apenas como pistas para uma melhor compreensão do casal e da relação conjugal, pois não abarcam a complexidade destas relações, nem dos indivíduos.

Outra limitação diz respeito ao tamanho das subamostras: o número de sujeitos correspondente a determinadas categorias apresenta uma distribuição não equitativa entre os grupos que a representam, o que pode ter condicionado os resultados (e.g., maior número de sujeitos com um nível de escolaridade de secundário ou ensino profissional comparativamente aos sujeitos sem escolarização ou com o 1º ciclo de ensino).

O estudo padece, ainda, de outra limitação que se baseia no tipo de instrumentos utilizados, uma vez que não se encontram validados para a população portuguesa, constituindo os totais calculados para cada instrumento valores exploratórios. Contudo, acredita-se que os instrumentos utilizados avaliem as variáveis latentes dada a consistência interna obtida.

Apesar das limitações apresentadas, salientam-se como pontos fortes o facto de se encontrar inserido num projeto internacional, constituir-se como uma inovação no estudo da sensibilidade olfativa associada à conjugalidade e, ainda, cruzar variáveis de natureza relacional/ dinâmica e variáveis de carácter fisiológico, como é o caso da sensibilidade olfativa.

Além disso, o presente estudo fornece pistas úteis no que respeita à compreensão da conjugalidade e permite levantar hipóteses relevantes que apontam para a necessidade de conduzir estudos futuros: (a) que incluam na sua amostra casais, isto é, o protocolo deve ser aplicado a ambos os elementos da díade conjugal, com o objetivo de combinar estas duas fontes de informação e avaliar o acordo ou desacordo entre os cônjuges, através dos resultados obtidos; (b) que contemplem, no protocolo, a inclusão de determinadas questões sociodemográficas, como por exemplo o meio de residência, atendendo que o contexto sociodemográfico medeia o ciclo evolutivo do casal (Lourenço, 2006); (c) que repliquem a investigação, com casais, usando medidas psicofisiológicas; (d) de carácter longitudinal, para verificar a variância intra e inter-sujeitos, ao longo do tempo e à medida que estes passam por diferentes fases; e (e) que conduzam a uma adaptação e validação destes instrumentos para a população portuguesa.

Deste modo, o presente estudo revela ser um contributo bastante pertinente, já que nos fornece leituras compreensivas acerca das dinâmicas conjugais e algumas orientações para o trabalho clínico, nomeadamente, na intervenção com indivíduos e casais e ainda para futuras investigações sobre a temática.

### Bibliografia

- Acevedo, B. P., & Aron, A. (2009). Does a long-term relationship kill romantic love? *Review of General Psychology*, 13(1), 59-65. doi: 10.1037/a0014226
- Alarcão, M. (2006). *(Des) Equilíbrios familiares – Uma visão sistémica* (3<sup>a</sup> ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Antoniazzi, A. S., Dell’Aglia, D. D., & Bandeira, D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 273-294.
- Archuleta, K. L., Britt, S., Tonn, T. J., & Grable, J. E. (2011). Financial satisfaction and financial stressors in marital satisfaction. *Psychological Reports*, 108(2), 563-576. doi: 10.2466/07.21.PR0.108.2.563-576
- Bodenmann, G. (2005). Dyadic coping and its significance for marital functioning. In T. A. Revenson, K. Kayser, & G. Bodenmann (Eds.). *Couples Coping with Stress: Emerging Perspectives on Dyadic*

(Re)Descobrimo a Conjugalidade:

Estudo do impacto das variáveis sociodemográficas  
 Andreia Ferreira (e-mail: andreia\_patriciate@hotmail.com) 2015

- Coping* (pp. 33-49). Washington: American Psychological Association.
- Bodenmann, G., Ledermann, T., & Bradbury, T. N. (2007). Stress, sex, and satisfaction in marriage. *Personal Relationships, 14*, 551-569. doi: 10.1111/j.1475-6811.2007.00171.x
- Bossert, W. H., & Wilson, E. O. (1963). The analysis of olfactory communication in animals. *Journal of Theoretical Biology, 5*, 443-469.
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and the Family, 62*, 964-980. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.00964.x
- Brown, R. A. (1994). Romantic love and the spouse selection criteria of male and female Korean college students. *The Journal of Social Psychology, 134*(2), 183-189.
- Butler, M., Stout, J., & Gardner, B. (2002). Prayer as a conflict resolution ritual: clinical implications of religious couples report of relationship softening, healing perspective, and change responsibility. *The American Journal of Family Therapy, 30*, 19-37. doi: 10.1080/019261802753455624
- Caillé, P. (1994). *Um e um são três. O casal se auto-revela*. São Paulo: Summus.
- Cohen, J. W. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2<sup>nd</sup> edn.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Correia, A. (2012). *Uma viagem qualitativa pelas relações íntimas: pistas para a prevenção e enriquecimento conjugal*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Crane, D. R., Middleton, K. C., & Bean, R. A. (2000). Establishing Criterion Scores for the Kansas Marital Satisfaction Scale and the Revised Dyadic Adjustment Scale. *American Journal of Family Therapy, 28*(1), 53-60. doi:10.1080/019261800261815
- De Munck, V., Korotayev, A., & Khaltourina, D. (2009). Comparative study of the structure of love in the U.S. and Russia: finding a common core of characteristics and national and gender differences. *Ethnology, 48*(4), 337-357.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16*(3), 221-231.
- Doty, R. L., & Cameron, E. L. (2009). Sex differences and reproductive hormone influences on human odor perception. *Physiology & Behavior, 97*, 213-228. doi:10.1016/j.physbeh.2009.02.032
- Erbert, L., & Duck, S. (1997). Rethinking satisfaction in personal relationships. In R. Sternberg & M. Hojjat (Eds.). *Satisfaction in Close Relationships* (pp. 190-218). New York: The Guilford Press.
- Erhabor, S. I., & Ndlovu, N. J. (2013). How happy are married people? Psychological indicators of marital satisfaction of married men and

- women in Gauteng province, South Africa. *Gender & Behaviour*, *11*(2), 5486-5498.
- Falconier, M. K., & Epstein, N. B. (2011). Couples experiencing financial strain: what we know and what we can do. *Family Relations*, *60*, 303-317. doi: 10.1111/j.1741-3729.2011.00650.x
- Féres-Carneiro, T., & Neto, O. D. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia*, *20*(46), 269-278.
- Fortunato, R. (2009). *Ecos da idade, sexo e nível sócio-económico em dimensões da conjugalidade – satisfação, vinculação/afectividade e proximidade*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Fowers, B. J. (1991). His and her marriage: A multivariate study of gender and marital satisfaction. *Sex Roles*, *24*(3/4), 209-221.
- Gorchoff, S. M., John, O. P., & Helson, R. (2008). Contextualizing change in marital satisfaction during middle age. A 18-year longitudinal study. *Psychological Science*, *19*(11), 1194-1200.
- Groot, W., & Brink, H. M. (2002). Age and education differences in marriages and their effects on life satisfaction. *Journal of Happiness Studies*, *3*, 153-165. doi:10.1023/A:1019673927286
- Grunebaum, H. (1997). Thinking about romantic/ erotic love. *Journal of Marital and Family Therapy*, *23*(3), 295-307.
- Harrison, M. A., & Shortall, J. C. (2011). Women and men in love: Who really feels it and says it first? *The Journal of Social Psychology*, *151*(6), 727-736. doi:10.1080/00224545.2010.522626
- Haze, S., Gozu, Y., Nakamura, S., Kohno, Y., Sawano, K., Ohta, H., & Yamazaki, K. (2001). 2-Nonenal newly found in human body odor tends to increase with aging. *Journal of Investigative Dermatology*, *116*, 520-524.
- Hunler, O., & Gençöz, T. (2005). The effect of religiousness on marital satisfaction: testing the mediator role of marital problem solving between religiousness and marital satisfaction relationship. *Contemporary Family Therapy*, *27*(1), 123-136. doi: 10.1007/s10591-004-1974-1
- Jackson, J. B., Miller, R. B., Oka, M., & Henry, R. G. (2014). Gender differences in marital satisfaction: A meta-analysis. *Journal of Marriage and Family*, *76*, 105-129. doi: 10.1111/jomf.12077
- Jacob, S., McClintock, M., Zelano, B., & Ober, C. (2002). Paternally inherited HLA alleles are associated with women's choice of male odor. *Nature Genetics*, *30*, 175-179. doi: 10.1038/ng830
- Jose, O., & Alfons, V. (2007). Do Demographics Affect Marital Satisfaction? *Journal of Sex & Marital Therapy*, *33*(1), 73-85. doi: 10.1080/00926230600998573
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer Publishing Company.
- Li, T., & Fung, H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of General Psychology*, *15*(3), 246-254. doi: 10.1037/a0024694

- Lourenço, M. (2006). *Casal: conjugalidade e ciclo evolutivo*. (Dissertação de doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Mahoney, A., Pargament, K.I., Jewell, T., Swank, A., Scott, E., Ernerly, E., & Marke, R. (1999). Marriage and the spiritual realm: the role of proximal and distal religious constructs in marital functioning. *Journal of Family Psychology, 13*(3), 321-338.
- Mahoney, A., Pargament, K.I., Tarakeshwar, N., & Swank, A.B. (2001). Religion in the home in the 1980s and 1990s: A meta-analytic review and conceptual analysis of links between religion, marriage, and parenting. *Journal of Family Psychology, 15*(4), 559-596. doi: 10.1037//0893-3200.15.4.559
- McCabe, M. P. (2006). Satisfaction in marriage and committed heterosexual relationships: Past, present and future. *Annual Review of Sex Research, 17*(1), 39-58. doi: 10.1080/10532528.2006.10559836
- Miranda, E. S. (1986). *Satisfação conjugal e aspectos relacionados: A influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal*. (Dissertação de mestrado). Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, Rio de Janeiro, Brasil.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Norgren, M., Souza, R., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia, 9*(3), 575-584.
- Ober, C. (1999). Studies of HLA, fertility and mate choice in a human isolate. *Human Reproduction Update, 5*(2), 103-107.
- Papp, L., & Witt, N. (2010). Romantic partners' individual coping strategies and dyadic coping: Implications for relationship functioning. *Journal of Family Psychology, 24*, 551-559. doi:10.1037/a0020836.
- Penn, D. J., Oberzaucher, E., Grammer, K., Fischer, G., Soini, H. A., Wiesler, D., Novotny, M. V., Dixon, S. J., Xu, Y., & Brereton, R. G. (2007). Individual and gender fingerprints in human body odour. *Journal of the Royal Society, Interface, 4*, 331-340. doi: 10.1098/rsif.2006.0182
- Perlin, G., & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica, 17*, 15-29.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais – A complementaridade do SPSS* (4ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pires, A. (2011). *Coping diádico e satisfação conjugal: Um estudo em casais portugueses*. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Relvas, A.P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2007). *Novas formas de família* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Riehl-Emde, A., Thomas, V., & Willi, J. (2003). Love: an important



- dimension in marital research and therapy. *Family Process*, 42(2), 253-267. doi: 10.1111/j.1545-5300.2003.42205.x.
- Rostami, A., Ghazinour, M., Nygren, L., & Richter, J. (2014). Marital satisfaction with a special focus on gender differences in medical staff in Tehran, Iran. *Journal of Family Issues*, 35(14), 1940-1958. doi: 10.1177/0192513X13483292
- Russell, R. J., & Wells, P. A. (1993). *Marriage and Relationship Questionnaire: MARQ handbook*. Sevenoaks: Hodder and Stoughton.
- Russell, R. J., & Wells, P. A. (2000). Predicting marital violence from the Marriage and Relationship Questionnaire: using LISREL to solve an incomplete data problem. *Personality and Individual Differences*, 29, 429-440. doi:10.1016/S0191-8869(99)00203-2
- Schumm, W. R. (2012). Editorial: Reviewing the reviews. *Marriage & Family Review*, 48, 415-417. doi: 10.1080/01494929.2012.677390
- Simmons, C. A., & Lehmann, P. (2013). *Tools for strengths-based assessment and evaluation*. New York: Springer Publishing Company.
- Smeets, M. A., Schifferstein, H. N., Boelema, S. R., & Lensvelt-Mulders, G. (2008). The odor awareness scale: A new scale for measuring positive and negative odor awareness. *Chemical Senses*, 33, 725-734. doi:10.1093/chemse/bjn038
- Sorokowska, A. (2013). Seeing or smelling? Assessing personality on the basis of different stimuli. *Personality and Individual Differences*, 55, 175-179. doi:10.1016/j.paid.2013.02.026
- Sorokowska, A., Sorokowski, P., & Szmajke, A. (2012). Does personality smell? Accuracy of personality assessments based on body odour. *European Journal of Personality*, 26(5), 496-503. doi: 10.1002/per.848
- Sorokowska, A., Sorokowski, P., & Hummel, T. (2014). Cross-cultural administration of an odor discrimination test. *Chemosensory Perception*, 7(2), 85-90, doi:http://dx.doi.org/10.1007/s12078-014-9169-0
- SPSS Inc. (2013). *Statistical Package for the Social Sciences* (Version 22 for Windows) [Software de Computador]. Chicago, IL: SPSS Inc.
- Story, L. B., & Bradbury, T. N. (2004). Understanding marriage and stress: Essential questions and challenges. *Clinical Psychology Review*, 23, 1139-1162. doi:10.1016/j.cpr.2003.10.002
- Sullivan, K. (2001). Understanding the relationship between religiosity and marriage: An investigation of the immediate and longitudinal effects of religiosity on newlywed couples. *Journal of Family Psychology*, 15(4), 610-626. doi:10.1037/0893-3200.15.4.610
- Wagner, A., et al. (2011). *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed.
- Weaver, A., Samford, J., Morgan, V., Larson, D., Koenig, H., & Flannelly, K. (2002). A systematic review of research on religion in six primary marriage and family journals: 1995-1999. *The American Journal of Family Therapy*, 30, 293-309. doi: 10.1080/01926180290033448
- Wedekind, C., Seebeck, T., Bettens, F., & Paepke, A. (1995). MHC – dependent mate preferences in humans. *Proceedings of the Royal*

*Society of London – Series B, 260, 245-249.*

Wrzesniewski, A., McCauley, C., & Rozin, P. (1999). Odor and affect: individual differences in the impact of odor on liking for places, things and people. *Chemical Senses, 24*, 713-721. doi: 10.1093/chemse/24.6.713.

**Anexos**

**Anexo A.**  
Protocolo da investigação  
(Conferir separata tese)